

# Paradoxos econômicos que o Copom desconhece

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) analisou o desempenho da economia brasileira no primeiro bimestre e encontrou sinais de perda de aceleração no ciclo de expansão. Porém, as avaliações preliminares do mesmo instituto referentes a março também sugerem que as tendências de expansão da atividade econômica prosseguem, embora a um ritmo menor que o esperado.

O IPEA aposta em um crescimento do PIB superior a 3,5% neste ano, apesar da quebra de parcela da safra agrícola e da pressão dos juros básicos. Porém, novamente, o instituto projeta para o primeiro trimestre, devido à oferta recorde de crédito e ao desempenho insuperável das exportações, apesar do câmbio, crescimento entre 0,4% e 0,5%, bem semelhante ao do último trimestre de 2004.

Esse conjunto de paradoxos é explicado pela alta dos juros básicos. A economia repete neste trimestre o nível moderado de atividade, em resposta ao salto de 16% da taxa Selic em setembro para 19,25% em março.

Mas, como a ata do Comitê de Política Econômica (Copom) reconhece, “a atividade econômica continua em expansão”, a confiança dos empresários e dos consumidores não desvaneceu. Porque essa é a realidade, o IBGE revelou crescimento da produção industrial de 6% em janeiro, em relação ao mesmo mês de 2004.

A Confederação Nacional da Indústria (CNI) diz que a “confiança do empresário no longo prazo permanece”, apesar da queda de 1,97% nas vendas e de 2,05% no número de horas trabalhadas em janeiro, em relação a dezembro. Apesar dessa “freada”, no primeiro mês deste ano, a indústria utilizava 82,5% da capacidade instalada, o emprego industrial cresceu 7,1%, as horas trabalhadas, 8,17%, e a massa salarial, 10,4%, tudo em relação a janeiro de 2004. E o emprego na indústria cresceu 0,22% em janeiro em relação a dezembro.

Empresários estão confiantes, em-

pregando mais gente e pagando salários maiores, por racionalidade econômica. Na origem dessa confiança estão decisões de investimentos. Em 2004, a compra de máquinas e equipamentos foi 19,4% maior do que em 2003, uma decisão acertada porque, anualizada, a massa salarial cresceu 6,4% em fevereiro, reforçando expectativas de aumento de consumo este ano.

Brasil não pode se dar ao luxo de não crescer. Descontada a inflação, a renda cresceu 2,6% pela sexta vez consecutiva nesse período, ante o mesmo mês de 2004, e o pessoal ocupado, 3,75%.

O coordenador do Grupo de Trabalho do IPEA, Lauro Ramos, analisando esses números, falou em “recomposição qualitativa” da renda e do consumo das famílias, porque 83% dos empregos criados em fevereiro foram com carteira assinada. A evolução das vendas dos setores de alimentação, higiene e papelão ondulado, ligados à evolução da renda, confirma essa análise. Bens

duráveis mais influenciados pela oferta de crédito estão sofrendo ajustes de produção, como constatou a Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee), com estabilização, depois do boom de vendas de 2004, quadro que, aliás, pode ser revertido pelo sucesso do crédito direcionado.

O Brasil, por razões de crescimento vegetativo, não pode se dar ao luxo de não crescer. Nos últimos dez anos, a média de crescimento do PIB brasileiro foi de 2,4%, muito baixo, enquanto, no mesmo período, a média da China foi de 8,6%, da Índia de 6,1% e da Rússia de 4,8%. Na última década, o Brasil perde feio para todas as economias emergentes. Se mantiver a taxa de 5,2% ao ano de crescimento alcançada no ano passado, em dez anos passará apenas da 12ª economia mundial para a 11ª posição.

Apesar desse fato, a última ata do Copom foi dúbia e dispensa tanto a necessidade de novas “etapas adicionais” no processo de ajuste monetário, como admite que essa mesma política precisa estar “vigilante para evitar que pressões

(inflacionárias) nos horizontes mais curtos se propaguem para os mais longos”. Ou seja, tudo pode acontecer na reunião de abril do Copom.

Apesar do crescimento desigual, o “remédio” do juro alto pode voltar a atingir todos os setores. Se há ou não diferenças no uso da capacidade instalada de cada setor, não importa. Se há investimentos que alteram o “PIB potencial”, também não importa. Se o aperto monetário convive com expansão de crédito ao consumo (oferta 3,3% maior em fevereiro comparado a janeiro, 25,6% maior do que em 2004), também não importa. Os juros sobem por reação automática, por uso e costume.

Empresários e consumidores sabem disso e, como a oferta de crédito prova, encontraram outros meios — independentes do Copom — para seguir a vida. Os paradoxos dos dados sobre desempenho econômico apenas refletem esse descolamento da realidade econômica das decisões do Copom.

Para imprimir, enviar ou comentar, acesse:  
[www.gazetamercantil.com.br/editorial](http://www.gazetamercantil.com.br/editorial)